

HELOÍSA PERISTA

Centro de Estudos para a Intervenção Social

## Mulheres em diáspora na União Europeia: percursos migratórios e trajectórias profissionais e familiares

153

*No texto são apresentadas as principais conclusões de um estudo sobre as experiências particulares das mulheres migrantes em Portugal, especialmente no que diz respeito aos seus percursos migratórios e às suas trajectórias profissionais e familiares. Trata-se de uma análise qualitativa, baseada em entrevistas em profundidade a 75 mulheres migrantes provenientes de outros países da União Europeia. Na análise desenvol-*

*vida são tomadas em conta factores, que frequentemente interagem entre si, como a situação no emprego e o nível de habilitações anteriores à migração, a nacionalidade e o reconhecimento e a transferibilidade de competências, sendo dada particular atenção aos efeitos que o casamento e os cuidados às crianças têm sobre as carreiras das mulheres migrantes ao longo do seu ciclo de vida.*

**D**ar visibilidade às dimensões de género dos fluxos migratórios intra-Comunitários e às experiências particulares das mulheres migrantes foi o propósito de um estudo, desenvolvido por uma equipa pluridisciplinar composta por investigadoras de diversos países europeus<sup>1</sup>, subordinado ao título «Mulheres, cidadania e legislação na União Europeia: as implicações de género das provisões sobre livre circulação.»

A pesquisa empírica desenvolvida no âmbito deste projecto privilegiou a realização de entrevistas em profundidade junto de mulheres migrantes da União Europeia, residentes em cinco Estados Membros: Suécia, Portugal, Grécia, Irlanda e Reino Unido. Estas entrevistas foram construídas de modo a recolher, quer informação quantificável, quer sobretudo elementos de natureza qualitativa. De um conjunto de áreas cobertas pela secção qualitativa dessas entrevistas, destacaremos os elementos relativos aos impactes do processo

<sup>1</sup> Para além de mim própria, Jane Sweeting, Martha Blomqvist, Julia Balaska, Mary Mulcahy, Lydia Sapouna e Louise Ackers, que assegurou funções de coordenação.

migratório sobre as carreiras profissionais das mulheres, abordando em detalhe a situação das mulheres oriundas de outros países da União Europeia (U.E.) residentes em Portugal.

Não é fácil, no entanto, avaliar os efeitos da migração sobre as trajectórias profissionais das mulheres. Tais efeitos estão estreitamente relacionados com um conjunto de factores, que frequentemente interagem entre si. O impacto do casamento e de migrações determinadas por motivos relacionados com o cônjuge constituem um dos factores que mais pode afectar tais trajectórias.

154

### **Padrão migratório convencional**

Muitas mulheres migrantes oriundas de outros países da U.E. que vivem em Portugal referem o seu cônjuge/companheiro como o principal motivo da sua migração. Destas mulheres, 45 (60% do total de 75 entrevistadas) declaram que a sua vinda para Portugal se deveu a razões relacionadas com o seu cônjuge. Em 25% destes casos, tais razões referem-se especificamente à carreira profissional do cônjuge, em termos de oportunidades profissionais acrescidas para este.

A família veio para Portugal porque surgiu uma boa oportunidade para o marido. (D300)

Veu para Portugal há dois anos atrás, devido ao emprego do marido. (D306)

O marido trabalha como director na indústria hoteleira e sempre que ele quer progredir na carreira tem de mudar para um hotel maior, noutra cidade ou noutro país, mas sempre pertencendo ao mesmo grupo económico francês. Foi por isso que vieram para Portugal. (D337)

Este tipo de padrão migratório é mais significativo no caso português do que nos outros países abrangidos pelo estudo, o que poderá indiciar uma certa especificidade da imigração da U.E. em Portugal, mais de acordo com um modelo «tradicional» de migração familiar, dominada por razões laborais do cônjuge masculino. Frequentemente, Portugal como país de imigração não resulta de uma escolha da mulher, sendo a sua vinda para Portugal determinada pela empresa onde o marido trabalha.

Esta mulher veio para cá porque mandaram o seu marido trabalhar em Portugal. (D311)

Eles não escolheram o país. Foi a empresa do marido que o mandou para cá. (D322)

Ela veio para Portugal há 16 anos *«porque o meu marido foi enviado para cá pela empresa onde trabalhava.»* (D356)

Noutros casos, a decisão de vir para Portugal é tomada pelo cônjuge. Tal acontece, nomeadamente, quando este é português ou, pelo menos, tem origens portuguesas (o que sucede em 18 casos).

Veio para Portugal há 10 anos com o seu ex-marido. *«Eu não escolhi vir para Portugal. Foi ele que decidiu.»* (D320)

Veio para Portugal há 2 anos com o seu companheiro que tem origens portuguesas. Já viviam juntos em França, onde se conheceram. Ele quis vir para Portugal porque queria conhecer o país, na medida em que sempre tinha vivido em França. (...) A opção de vir foi dele. (D342)

*«Eu não optei por Portugal. Ele era português portanto nós viemos para cá.»* (D359)

Ela nasceu em Itália. Conheceu o marido em Paris, quando ambos lá viviam: ele era professor na universidade e ela estava prestes a acabar a sua tese de licenciatura. O marido é português e é por essa razão que ela veio para Portugal — em 1980 ele decidiu voltar para Portugal e ela veio com ele. (D361)

Algumas destas mulheres (9, o que corresponde a 12% das entrevistadas em Portugal), só algum tempo após a vinda do cônjuge, a ele se lhe juntaram. Normalmente, o prolongamento da sua permanência no país de origem fica a dever-se a necessidades de compatibilização do processo migratório com a escolaridade dos filhos. Noutros casos, porém, ela deve-se a motivos de ordem pessoal, tal como por exemplo a conclusão da própria formação escolar dessas mulheres.

Veio para Portugal em 1993, para se juntar ao marido que já cá estava a trabalhar há 9 meses. Ela esperou pelo termo do ano escolar e só depois veio. (D300)

Após ter concluído a sua licenciatura, veio ter com o marido, que estava a trabalhar em Portugal há 1 ano. (D325)

Veio para Portugal para se juntar ao marido que tinha criado uma empresa cá há 1 ano atrás. (D333)

Entre estas mulheres cuja vinda para Portugal se deveu

principalmente a razões relacionadas com o cônjuge, existem algumas que mantiveram a sua actividade profissional após a emigração. Nestes casos, a carreira profissional das mulheres não parece ter sido afectada pelo processo migratório.

*«Normalmente eu sigo-o, mas ele pergunta-me sempre se eu quero ir.»* Desta vez, ela só viria caso pudesse manter o seu trabalho. Uma vez que o banco onde trabalhava em França tinha um acordo de cooperação com um banco português, *«teve a sorte de vir trabalhar para Portugal.»* (D306)

Veio para Portugal há 8 anos com o seu marido e dois filhos porque o seu (agora) ex-marido veio dar aulas para o Instituto Francês, no Porto. Actualmente, após o divórcio, decidiu ficar cá devido ao seu próprio trabalho, quer no Porto quer em Lisboa. *«Eu gosto muito do País e tenho inúmeras oportunidades no campo no qual trabalho. Agora, vou construir uma vida nova, aqui.»* Ela trabalha como pintora para vários museus. (D343)

## Mulheres com projectos migratórios autónomos

Migrar devido à sua própria carreira foi o caso de 20% das mulheres entrevistadas em Portugal.

Neste grupo, encontram-se mulheres que dizem ter deixado o seu país de origem tanto para trabalhar como para estudar. Educação e emprego surgem, de facto, muitas vezes relacionados, em termos das principais razões da vinda para Portugal. Por vezes, uma mulher decide vir por um período curto, para melhorar os seus conhecimentos linguísticos, por exemplo, acaba por arranjar emprego e decide ficar.

*«Eu queria ter uma experiência profissional fora do meu país depois de concluir o meu curso.»* Candidatou-se a um estágio através de uma associação internacional de estudantes e foi seleccionada para vir para Portugal (embora preferisse ir para a Austrália). No início, pensava ficar em Portugal durante 6 meses, mas após o termo do estágio obteve um e outro contrato de trabalho, e foi ficando até hoje. (D326)

Veio sozinha para aprender português numa universidade portuguesa. Já tinha estudado latim, espanhol e francês no seu país de origem e queria aprender outra língua, estudando no estrangeiro. Conseguiu uma bolsa de estudos e veio para Portugal, por 1 ano. Depois obteve outra bolsa de estudos por mais 1 ano, com vista a fazer uma pós-graduação. E depois decidiu ficar. (D327)

Veio para Portugal em 1978 com uma bolsa de estudos de 1 ano, enquanto estava a tirar um curso de línguas e literatura. Ficou 1 ano na Faculdade de Letras e depois *«fiquei outro ano na escola secundária Rainha Dona Leonor, em Lisboa. Tinha conhecido o*

*meu marido na Faculdade mas mesmo assim voltei para França não queria tomar a decisão de deixar o meu país assim. Não é uma decisão fácil. Fiquei em França durante 1 ano e depois decidi vir para cá.» (D346)*

Conhecer um companheiro durante uma primeira estada em Portugal, muitas vezes combinado com motivos laborais, é uma das principais razões para converter uma estada prevista como curta, numa mais longa, talvez mesmo permanente. Muitas das mulheres que migraram devido à sua própria carreira vieram para Portugal sozinhas, enquanto mulheres solteiras. O casamento ou a coabitação surgem mais tarde, geralmente com um homem português.

Veio para Portugal há 30 anos, em 1965. (...) «*A ideia era vir embora por 2 anos, para longe daquela ilha.*» A sua intenção era a de voltar e continuar a sua carreira profissional, mas isso não veio a acontecer porque entretanto «*casei com um português.*» (D308)

Este caso, de uma mulher que emigrou com o objectivo de trabalhar há 30 anos atrás, é uma excepção, já que uma larga maioria deste tipo de mulheres veio para Portugal há alguns anos apenas, muitas vezes já nos anos 90. A sua decisão de imigrar é frequentemente influenciada pela situação difícil vivida no mercado de emprego dos seus países de origem.

Veio para Portugal há 4 anos com a irmã, com o objectivo de virem trabalhar para cá. Tiveram a oportunidade de abrir um instituto de beleza, e em França o mercado estava completamente cheio. «*Lá, não conseguíamos comprar, só arrendar, e nós queríamos abrir uma coisa em grande.*» (D315)

«*Gosto do meu trabalho, estou numa boa escola e fiz alguns progressos em termos profissionais. Tenho bons amigos, ingleses e portugueses. Para além disso, tenho um emprego e em Inglaterra talvez não tivesse, devido à situação de desemprego.*» (D335)

Decidiu emigrar porque não conseguiu um lugar na London Dance Company. (...) Entretanto, foi convidada pelo director da Companhia Nacional de Bailado para vir para Portugal e então veio. (D373)

Nalguns casos, as mulheres vieram para Portugal tendo já um contrato de trabalho, geralmente com uma entidade empregadora com algum vínculo ao seu país de origem.

Deixou o seu país de origem para trabalhar. Tinha um contrato por 2 anos como professora na escola inglesa de Carcavelos. (D308)

## Trajectórias profissionais

Veio para o Porto porque havia uma vaga na escola alemã. (D365)

*«Eu sou muito curiosa e na Alemanha já tinha trabalhado com Portugal e Espanha no negócio de importação/exportação e gostava de ver o outro lado do meu trabalho. Não era possível ir para Espanha e perguntaram-me se queria vir para Lisboa. Era uma oportunidade de conhecer outra cultura, outro país. Por outro lado, vir para cá através da empresa foi importante para mim, em termos profissionais.»* (D374)

Estar num país diferente é causa de dificuldades acrescentadas para muitas mulheres que tentam conseguir um emprego. Com frequência, tais dificuldades têm a ver com o seu insuficiente domínio da língua portuguesa.

*«É muito difícil. No início, eu pensava que não ia conseguir arranjar um emprego por causa da língua.»* (D301)

*«Quando vim para Portugal, foi impossível arranjar trabalho na área do jornalismo porque eu não falava português.»* (D309)

Nunca teve emprego desde que veio para Portugal. *«Seria difícil para mim conseguir emprego devido aos problemas com a língua.»* (D340)

O desemprego não é, pois, pouco comum. Nalguns casos, por alguns meses, noutros por períodos mais longos, reflectindo-se de forma evidente no nível de satisfação das mulheres atingidas.

Ela arranjou emprego há 1 mês, depois de ter estado 1 ano desempregada. Foi muito importante para ela ter arranjado emprego porque *«depois de estar um ano inteiro em casa, para mim que trabalho desde os 18 anos, estava quase a ficar louca.»* (D311)

Por vezes, estas mulheres também têm dificuldades em conseguir emprego no domínio em que antes trabalhavam. A migração induz, em muitos casos, uma mudança profunda na sua vida profissional.

Ela trabalhava como enfermeira especializada. Teve de deixar de trabalhar quando veio para Portugal *«porque essa profissão não existia cá.»* (D307)

Ter deixado o seu país teve como consequência, ao nível da sua vida profissional, *«uma mudança completa. O meu projecto profissional não estava muito claro e hoje estou a trabalhar numa*

*área que não tem nada a ver com a anterior. Eu não sou uma jornalista, não tive formação nem a oportunidade de trabalhar como jornalista em França. Aprendi uma nova profissão.»* (D310)

Noutros casos, esta «mudança» representa um trabalho abaixo das suas capacidades efectivas, nomeadamente face à dificuldade de obter o reconhecimento das suas qualificações e diplomas no país de imigração.

Ela é psicóloga. Depois de ter estado desempregada durante 1 ano, conseguiu recentemente emprego numa agência de viagens e turismo, ligada ao Turismo Espanhol em Lisboa, o que não tem qualquer relação com a sua profissão. (D311)

*«Eu faço uma série de coisas porque temos de sobreviver. Estas são actividades que estão abaixo das minhas qualificações, e isso faz-me sofrer. (...) Tenho de me contentar com este subemprego ou com trabalhos que eu nunca aceitaria na Bélgica. (...) Sou uma vítima da minha educação: tenho uma licenciatura, vários cursos e boas capacidades. Mas estas capacidades não são valorizadas cá... bem, talvez elas também não o fossem, na Bélgica...»* (D327)

*«É quase impossível obter o reconhecimento dos nossos diplomas estrangeiros cá em Portugal.»* (D347)

*«Julgava que as possibilidades cá seriam as mesmas. A primeira coisa que fiz foi aprender a língua, uma coisa que os espanhóis nunca fazem quando vêm para cá. Depois comecei a enviar o meu curriculum. Como eu não tinha nenhuma equivalência, as coisas começaram a fechar-se para mim.»* (D357)

O impacto da migração sobre a vida profissional das mulheres é avaliado de forma muito negativa por algumas delas. Em certos casos, a migração impôs mesmo o fim das suas carreiras.

Para ela foi *«um desastre completo.»* Em Espanha, conseguia viver da sua profissão, como psicóloga. Tinha um consultório e uma rede de doentes e de colegas. *«Deixei de o poder fazer. Tinha sido um enorme esforço e tinha sido muito importante para mim ter conseguido o que consegui. (...) Cá, tudo isso eu perdi.»* (D311)

*«O trabalho era a minha vida. (...) A minha vida é ótima mas sinto a falta do meu trabalho. É importante para a minha saúde mental. Sinto muito a falta do meu trabalho.»* (D324)

*«Levei algum tempo até arranjar um emprego. E, em Espanha, tinha uma carreira profissional, tinha uma série de coisas já feitas*

*e poderia ter mais perspectivas. Aqui não tenho. Estou a fazer um trabalho insignificante mas não posso fazer mais. Neste sentido, é um bocado frustrante.» (D333)*

*«Foi o fim da possibilidade de ter uma carreira na minha profissão de professora. Aqui, é-me completamente impossível ter uma carreira. Não tenho carreira.» (D347)*

Para além destas situações, em que as mulheres deixam de trabalhar quando saem do seu país de origem, a migração pode também implicar uma interrupção, mais ou menos prolongada, nas carreiras femininas. Em alguns casos, os anos subsequentes à mudança constituem um período durante o qual a mulher fica em casa, assumindo-se como doméstica e como mãe. Outras mulheres começam por passar um período difícil no novo país e no novo emprego, e só alguns anos mais tarde retomam uma vida profissional mais estável.

Após ter vindo para Portugal, ficou como dona-de-casa até 1992, ano em que abriu a sua loja de antiguidades, onde agora trabalha todas as tardes. (D302)

Emigrar fê-la deixar um trabalho que «adorava» e, embora tivesse vindo da Bélgica com emprego cá, *«foi uma grande mudança e foi bastante difícil. Também é uma questão de mentalidade e não o facto de ser Portugal. Durante os primeiros dois anos quase voltei para a Bélgica. Foi complicado em termos profissionais. Agora fiz uma carreira cá e estou bem.» (D314)*

Ter emigrado representou uma mudança positiva nas vidas profissionais de várias mulheres que actualmente residem em Portugal. Algumas destas mulheres consideram que a sua situação de emprego cá é melhor do que aquela que teriam no seu país de origem, em termos de salário, responsabilidades profissionais ou simplesmente porque têm um emprego.

*«Talvez, comparando, eu tenha hoje uma situação melhor do que alguns dos meus colegas na Bélgica. (...) Estou melhor do que os da minha geração, ganho bem.» (D320)*

*«Em termos profissionais, ter saído da Alemanha representou uma melhoria, não em termos económicos — nesse aspecto, andei para trás — mas em termos de carreira, em termos de responsabilidade.» (D367)*

*«Está tudo bem. Eu acabei o meu curso durante um período económico muito mau, sobretudo em Espanha. Tive a sorte de poder vir para outro país europeu e conseguir logo emprego. Alguns*



*dos meus colegas ficaram no desemprego quando acabaram os seus estudos e ainda estão desempregados.» (D326)*

Viver em Portugal abriu novas oportunidades profissionais a algumas mulheres, que agora têm mais possibilidades de aceder a um leque mais amplo de actividades.

*«A vantagem de estar cá é que nós temos acesso a muitas coisas que os franceses não têm. (...) Eu consegui trabalhar com programas com que eu nunca sonhara, o que eu nunca teria conseguido no meu próprio país.» (D313)*

Ter saído de Inglaterra *«foi muito bom porque eu ensino inglês e no meu país é muito difícil encontrar um trabalho deste tipo. Aqui há imensas escolas de língua inglesa.» (D325)*

*«Em Portugal, há muito poucas professoras de ballet com um diploma. Aqui sou muito requisitada. Em Inglaterra, teria de ser eu a procurar trabalho, aqui estou sempre a dizer que não — 'não, não quero mais trabalho'... é um sentimento ótimo.» (D373)*

Uma dimensão interessante da situação laboral das mulheres imigrantes da U.E. em Portugal relaciona-se com a elevada percentagem daquelas que trabalham por conta própria — cerca de 15% têm o seu próprio negócio, e algumas mais colaboram nas empresas dos respectivos maridos. Enveredar pela criação da sua própria empresa foi, em alguns casos, uma reacção às dificuldades enfrentadas para encontrar um bom emprego como assalariada.

*«Foi difícil, por causa da língua, quando tentei encontrar um emprego normal numa empresa normal. Também teria sido difícil em França. Mas quando decidi criar um negócio por conta própria, penso que foi fácil. Consegui chegar facilmente aos gestores de empresas, aos gestores de marketing. O meu português era muito fraco mas as pessoas foram muito abertas.» (D309)*

Começou a trabalhar como estilista quando tinha 20 anos. Nem ela nem o marido tinham muito dinheiro, por isso decidiram criar roupa e vendê-la a fábricas portuguesas. Trabalhou como independente para várias fábricas até conseguir abrir a sua própria loja para vender as suas criações. Hoje tem 3 ateliers onde emprega várias mulheres. (D338)

Cerca de um terço das mulheres que têm uma actividade remunerada trabalham no ensino. Muitas são professoras de línguas, frequentemente a tempo parcial, e algumas também

fazem trabalhos de tradução. Deste modo, estas mulheres aproveitam os seus conhecimentos linguísticos para melhorar as suas oportunidades de emprego.

No entanto, várias entrevistadas fazem referência a deficientes condições de trabalho, em termos de remuneração, duração do trabalho, segurança no emprego e direitos sociais. Estes problemas enfrentados pelas mulheres imigrantes não podem, naturalmente, ser encarados fora do contexto genérico do mercado de trabalho em Portugal, onde tendências para uma precarização e «flexibilização» crescente das relações laborais afectam de modo particular a mão-de-obra feminina.

Trabalhar como assalariada sem possuir qualquer contrato de trabalho ou, mesmo, na economia informal é uma situação comum.

Em Portugal, só começou a trabalhar há dois meses, depois de ter estado desempregada quatro meses. Trabalha como arquitecta urbanista num atelier privado. Não tem qualquer contrato. (D330)

Tem tido alguns trabalhos temporários, a pintar T-shirts, a decorar discotecas e, sobretudo, como intérprete. Estes são trabalhos não declarados, em termos fiscais ou de segurança social. (D339)

Outras condições de trabalho precárias são igualmente referidas:

Em Portugal, trabalhou 2 anos na escola inglesa, *«mais de 48 horas por semana, havia sempre trabalho a fazer...»* (D308)

*«Não é um emprego seguro e eu julgo que o meu salário é muito baixo.»* (D349)

*«Por exemplo, o meu tempo de trabalho foi reduzido de 16 para 8 horas por semana. Portanto, eu tenho de viver com metade do dinheiro. Não há estabilidade.»* (D359)

*«Também sinto a falta das férias. Só tenho 22 dias de férias e na Alemanha temos 30,31 dias.»* (D374)

### **Avaliação da experiência migratória**

O impacto da migração sobre a carreira das mulheres, e a avaliação que dele é feita pelas próprias, apresenta, pois, grandes variações, em função de diferentes factores. Algumas mulheres migrantes nem sequer encaram tal impacto como uma questão importante, ao nível da sua vida pessoal.

Ter saído do seu país teve um forte impacto porque ela deixou de trabalhar — *«eu tinha trabalhado em bancos durante 10 anos*

(...) estava prestes a deixar o meu emprego porque me ia casar. Para mim, a carreira profissional não é muito importante.» (D318)

O casamento e a vida familiar são alguns dos factores que influenciam de forma mais decisiva as trajectórias profissionais destas mulheres. Os efeitos do casamento são particularmente evidentes entre as mulheres que migraram para acompanhar os respectivos cônjuges.

Após o casamento ela perdeu qualquer perspectiva de emprego. O seu marido fica tão pouco tempo em cada país que «*eu fico assim; passo o tempo sem fazer nada (...) estou à espera de poder ter um ritmo normal de trabalho.*» (D301)

Nunca teve um emprego sobretudo devido à necessidade frequente de mudar para um novo sítio, em função da carreira profissional do marido. (D332)

Tal como dizia uma das entrevistadas:

«*Quando o marido tem uma profissão, geralmente é a mulher que vê a sua profissão sacrificada. Há alturas em que as mulheres se sentem revoltadas, porque parece que tudo o que há são fraldas e crianças, sem que se possam sentir realizadas.*» (D305)

Outras mulheres não partilham este sentimento de «sacrifício», especialmente quando têm filhos. Abdicar do trabalho para se dedicar às crianças é, mesmo, encarado como a opção certa, pelo menos enquanto as crianças são pequenas.

Em 1977, quando o seu primeiro filho nasceu, ela abandonou a sua profissão. «*Ter deixado o meu emprego para ficar com os meus filhos foi a opção certa.*» (D304)

O nascimento dos filhos determina, frequentemente, o fim ou, pelo menos, uma interrupção de vários anos na carreira profissional destas mulheres.

Ela tem um curso de secretariado e trabalhou durante 5 anos como secretária de direcção numa empresa de engenharia. Deixou de trabalhar aos 26 anos porque o marido lhe pediu e porque ela teve os filhos. (D300)

Teve uma interrupção na sua actividade profissional quando vivia em Setúbal porque ficou grávida e decidiu não trabalhar durante a gravidez e enquanto o seu filho fosse muito pequeno. (D337)

São vários os casos em que, quando os filhos crescem, estas mulheres retomam uma actividade profissional, geralmente a tempo parcial, porque mais fácil de combinar com as responsabilidades familiares.

Em 1972, a sua filha nasceu e ela deixou de trabalhar. Em 1976 ela voltou ao trabalho, trabalhando a tempo parcial como visitadora doméstica. (D307)

*«Pus os meus filhos à frente da minha carreira. Gosto do meu trabalho (ela é professora de matemática) mas a minha carreira nunca se desenvolveu muito porque isso exigia maior disponibilidade do que aquela que eu podia dar, porque eu tive os meus filhos bastante tarde e adoptar uma criança exige muita energia, muito tempo. Nós decidimos que eu ficaria a trabalhar a tempo parcial para estar mais disponível para as crianças. Alguém tinha de estar por perto e eu não sinto que isso tenha sido um sacrifício.»* (D345)

A título de nota conclusiva desta breve síntese, parece ter-se tornado evidente, ao longo das muitas referências feitas, que uma parte significativa das mulheres imigrantes da U.E. residentes em Portugal partilha uma avaliação, de algum modo, negativa dos efeitos do processo migratório sobre as suas perspectivas de emprego.

Contudo, não se afigura pertinente proceder a uma avaliação geral e unívoca dos impactes da migração intra-Comunitária sobre as trajectórias profissionais das mulheres. Antes de mais, porque estas mulheres apresentam inúmeros elementos de diferenciação, em termos dos seus contextos de origem e das suas experiências de vida. Por outro lado, porque a vida familiar, e em particular a existência de filhos, continuam a assumir um papel determinante ao nível das «opções» tomadas por estas mulheres, nomeadamente em termos de emprego e carreira profissional. ■

## Referências Bibliográficas

- |   |            |  |
|---|------------|--|
| Ackers, Louise                                | 1996       | <i>Women, citizenship and European Union law: the gender implications of the free movement provisions</i> . Summary final report to the Equal Opportunities Unit of the European Commission. Universidade de Plymouth.   |
| Ackers,<br>Louise (org.)                      | (no prelo) | <i>Shifting spaces: Women, citizenship and migration within the European Union</i> . Bristol: The Policy Press.  |
| Perista, Heloísa<br><i>et al.</i>             | 1994       | <i>Internal migration within the European Union: the presence of women in migration flows and the characteristics of female migrants</i> , Contributo português para o relatório intercalar do projecto <i>Women, citizenship and European Union law: the gender implications of the free movement provisions</i> . CESIS. |
| Perista, Heloísa;<br>Fernando Luís<br>Machado | 1997       | «Femmes immigrées au Portugal: identités et différences», <i>Migrations — Société</i> 9: 52.   |
| Perista, Heloísa                              | (no prelo) | «Citizenship and paid work. The impact of migration on employment status», in Louise Ackers (org.) <i>Shifting spaces: Women, citizenship and migration within the European Union</i> . Bristol: The Policy Press.   |